

SI VIS PACEM...

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

E' pena que o sr. Aldous Huxley, com seu grande talento e sua finíssima inteligência, não tenha desconfiado que não valia a pena reunir jornalistas em torno de uma mesa para dizer que deseja a paz entre as nações. Os jornalistas frequentemente nos obrigam a declarações óbvias, como por exemplo no caso do assassinato da moça Aida que devemos, em duas ou três frases por telefone, achar sumamente reprovável. Também achamos a paz sumamente desejável. O mundo inteiro deseja a paz. Tirando uma pequena minoria que faz da guerra um negócio, e outra minoria, hoje fora de moda, que faz da guerra um poema, todos os outros habitantes do planeta, escritores, músicos, comerciantes, filósofos, dentistas, etc., desejam a paz. E aqueles mesmos que a não desejam não teriam a coragem de declarar suas estranhas preferências numa entrevista coletiva. Há porém diversos modos de desejar a paz; e eu diria que há guerras, e que ainda as haverá mais desumanas do que nunca, porque existe hoje um número assustador de pessoas que desejam a paz de um modo especial, ou que a desejam sem fazer muita questão de examinar o modo.

Declarar que sou a favor da paz me parece tão ridículo como declarar que sou a favor da saúde ou da felicidade. A paz é um fruto; ora, quem deseja o fruto escolhe a semente e toma todos os demais cuidados dessa peculiar agricultura. Quem disser que deseja laranjas, a qualquer preço e de qualquer modo, poderá ser visto um dia a semear entusiasticamente uma espécie de caroço sem a prévia verificação, e até será capaz de se zangar e de tratar de dogmático e de intolerante a quem lhe vier delicadamente perguntar se a semente é de laranja.

A guerra é uma forma estritamente e pública de homicídio; mas não é a única. Sem guerra alguma, os moços anormais continuarão a matar moças em Copacabana e alhures, se nosso zêlo de pacifista se concentrar nos acontecimentos do Oriente Médio ou nos horrores das bombas atômicas; sem guerra oficial, militarmente declarada, pode a Rússia promover levantes e assassinar reis asiáticos; sem exércitos e esquadras pode o ganancioso explorar o trabalho do pobre nas usinas de Londres ou nos seringais do Amazonas, e matar devagarzinho, por exaustão, os mesmos homens que dão ao mundo os espetaculares aparelhos que são a glória do século. A guerra, portanto, não é a única forma de homicídio, nem é talvez a pior. Deveremos então alargar nossa declaração e dizer aos jornalistas que somos contra o homicídio? Essa declaração seria um pouco mais prática, mas assim mesmo insuficiente, porque o mal não se resume em não matar.

Na verdade, se desejamos a paz, ou a felicidade, não é fácil reduzir a poucas proposições o conjunto de

regras da boa sementeira. Numa espécie de ensaio — enquanto não mandava ao mundo seu próprio Filho — Deus entregou aos homens um decálogo em cujos primeiros artigos está explicitamente declarado o fundamento único de qualquer programa de boa vontade. Seguem-se depois outros artigos que, além do intrínseco e essencial valor, servem para mostrar as conexões vivas dos atos humanos. O Decálogo não é apenas uma lista de proposições: é sobretudo um todo orgânico com infinito valor seminal. Lá está, entre outros, o artigo que interessa os pacifistas: não matar. Já dissemos que esse artigo não se aplica somente às guerras. Convém agora notar que também não se isola, e que só tem vida enquanto estão intactas as ligações, os nervos e as artérias, que o prendem ao corpo. E sobretudo convém notar que todo o influxo vital vem dos primeiros mandamentos que preceituam o amor ao Bem supremo e a obediência incondicional a esse grande e belo amor. Isolado, particularizado, desidratado, transformado em pó de filantropia pacifista, esse artigo do decálogo se torna ridículo e tolo.

E' verdade que nos dias que correm a perspectiva de guerra toma proporções apocalípticas. Como bem assinalou o sr. Aldous Huxley, é terrível pensar que a humanidade possa se extinguir por causa de um mal-entendido entre o sr. Kruschew e o sr. Mao Tse-Tung; ou entre o sr. Kruschew e o sr. Dulles. Mas por mais terríveis que sejam as consequências da guerra atômica, elas não bastam para revogar as verdades elementares. No último instante da humanidade, com radioatividade ou sem ela, continuam de pé as conclusões da geometria e da moral. E subsiste o preceito agrícola pelo qual, se desejamos o fruto temos de escolher a semente. Ainda que seja tarde para pô-lo em prática, o preceito permanece. E' mais razoável, portanto, cuidarmos agora, enquanto é tempo, das sementes da paz.

O sr. Bertrand Russell se gaba, com certa imoderação, de haver descoberto uma fórmula fácil para evitar a guerra. Basta promover o desarmamento das nações! Já observel que o festejando autor de *The Principles of Mathematics* perde toda a sutileza quando se afasta dos símbolos algébricos e aborda um problema humano. No caso vertente, seu achado tem qualquer coisa que faz lembrar as nossas mais ferinas e injustas anedotas sobre personagens lusitanos. E' tão simples, tão adamantina a solução proposta pelo inglês que até chegamos a admirar que não seja imediatamente adotada pelas grandes potências que põem em risco o planeta. Devemos promover o desarmamento das nações. Mas como? A resposta do pensador é ainda mais limpa: fazendo um acordo com a União Soviética. Mas como podemos nós acreditar na palavra da-

da pelo sr. Kruschew, ou por outro Secretário do Partido que eventualmente já tenha assassinado o sr. Kruschew? A resposta é agora fulgurante: acreditando! Sugere o sr. Bertrand Russell uma conferência de cúpula, assistida por alguns Cidadãos do Mundo, entre os quais estará o sr. Neruh e o próprio sr. Russell; e sugere também a idéia de uma comissão internacional de controle das atividades atômicas. Mas para nós, que ainda sabemos distinguir um país totalitário de um país livre, é evidente que, para controlar as atividades da União Soviética, é preciso que ela deixe de ser a União Soviética. A primeira fiscalização que deve funcionar num país é a de seu próprio povo. Se esta não funciona, nenhuma outra será praticável. Se a opinião pública na Rússia se tornou mecânicamente concordante com o Pravda, como nos explicou o jornalista russo da Comissão Interparlamentar; se lá não existe oposição; se nenhum jornalista pode dizer do sr. Kruschew o que dizemos aqui dos governantes que se desmandam — então não é possível, dentro de tal estrutura social, fazer funcionar nenhuma comissão internacional de controle. Então, recapitulando as considerações anteriores, concluímos que para evitar a guerra devemos promover o desarmamento das nações; e para promover o desarmamento das nações é preciso firmar um acordo; para o acordo ser viável é preciso haver possibilidade de controle; e para haver possibilidade de controle é preciso que a União Soviética deixe de ser soviética, e que todas as formas totalitárias, desde o Trujillo até o Franco, desapareçam do mundo. E agora, como faremos para converter disto o mundo e a própria União Soviética? Como fazer para atingir essa meta? Não me parece fácil a empreitada, mas imagino que ela deva começar por uma campanha de reativação das mentalidades que gradativamente têm perdido a memória dos fatos e a capacidade de discernir entre uma nação livre e um bloco totalitário. Para começar pelo próprio começo ou recomendaria que o inglês Bertrand Russell reaprendesse o ABC do *common sense* de que tantas vezes zombou nos seus livros de filosofia. Vejo um nexo estreito entre a loucura das nações e a loucura dos filósofos. A prova desse nexo está no prêmio Nobel e na consideração que desfruta no mundo inteiro esse estranho pensador que é bisantino na matemática e acaciano em política.

Já se vê, por essa amostra, que não é fácil obter o desarmamento das nações. Se fosse possível, pela ação do cometa que despeja no mundo o gás da boa vontade, como se viu num romance de H. G. Wells, atingir em poucos minutos a conversão do sr. Bertrand Russell ao bom senso, a conversão do mundo totalitário ao humanismo, e a conversão do mundo ocidental a um cristianismo menos burguês e menos farisaico; se fosse possível recolocar de pé os direitos do homem e os direitos de Deus — então seria fácil, não digo evitar totalmente as guerras, mas ao menos enunciar o verdadeiro caminho para a paz verdadeira. Se queres a paz, semeia a justiça. Ninguém sentiu melhor do que o autor do *Eclesiaste* o desconcerto do mundo e o desatino dos homens, mas depois de enumerar todos os absurdos que viu sob o sol ele chega a uma conclusão abrupta: tudo isto considerado, teme a Deus e observa os mandamentos.

Mas num mundo que voita à dureza pagã com requintes nunca vistos, não podemos, como o sr. Bertrand Russell, fazer-de-conta que acreditamos na palavra dada pelos que oprime seus próprios compatriotas. Não há outra alternativa. Se os desumanos não se humanizam, se os totalitários não se destotalizam, não podemos esperar uma paz nascida na justiça. Mas também não podemos nos desarmar diante do colosso moscovita por medo da bomba. Temos de aceitar o desafio brutal dos que nos gritam a antiga fórmula pagã. Se queres a paz, prepara-te para a guerra.